

D. ISABEL GONDIM



O BRAZIL

Poema Historico do Paiz



SEGUNDA EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO

Papelaria Americana — Rua da Assembléa, 90

1913

B 869.1

G 637 b

O BRAZIL



POEMA HISTORICO EM TRES CANTOS

Precedido de um Prologo

POR



D. Isabel Gondim

PROFESSORA APOSENTADA NA

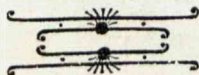
Capital do Rio Grande do Norte

SOCIA CORRESPONDENTE DO

Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano

SEGUNDA EDIÇÃO

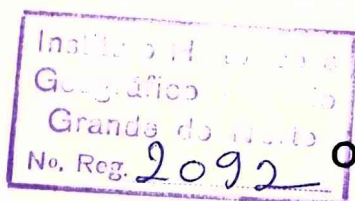
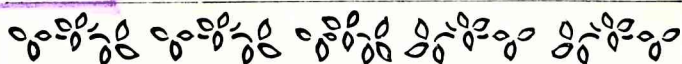
Mais correcta e augmentada



Rio de Janeiro

Pap. Americana — Rua da Assembléa, 90

1913



OBRAS DA AUCTORA

PUBLICADAS

Reflexões ás Minhas Alumnas.—Rio de Janeiro, 1.^a e 2.^a edições—Natal, 3.^a edição, 1874, 1879, 1910.

O Brazil, pequeno poema—Natal, 1.^a edição—Rio de Janeiro, 2.^a edição, 1903, 1913.

Sedição de 1817 na Capitania, ora Estado do Rio Grande do Norte—Natal, 1907.

O Sacrificio do Amor—drama historico em cinco actos—Rio de Janeiro, 1909.

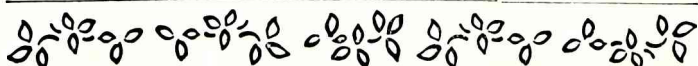
PARA SEREM PUBLICADAS

A Lyra Singela (Composições metrificadas).

Elementos de Educação para uso nas escolas primarias de ambos os sexos.

Curso de Calligraphia com differentes traslados para o ensino dessa arte nas escolas primarias de ambos os sexos.

Noções Historicas do Rio Grande do Norte.





O BRASIL

Resumo de Traços Historicos do Paiz



Exma. Sra. D. Isabel Gondim

Minha Senhora

O poemeto BRAZIL, que V. Ex. teve a gentileza de submeter a minha desautorizada apreciação é um sympathico e interessante trabalho, revelador de talento, cultura e patriotismo. Podem criticos severos esmiuçar-lhe senões. Mas ninguem lhe negará, entre outras, aquellas qualidades, sufficientes, por si sós, para tornar o livro de V. Ex. benemerito de geral consideração.

Agradecendo a V. Ex. a distincção com que me honrou e pedindo desculpa pela involuntaria demora desta resposta, solicito venia para me subscrever

De V. Ex.

Respeitoso confrade e admirador

Affonso Celsa

Villa Petiotte—Petropolis—25—3—1902

AO MEU PAIZ,
AOS MEUS CONCIDADÃOS,

A' HISTORIA PATRIA.

*Consaôro-te, ó Brazil, o meu poema,
De tibio génio debil producção;
O que lhe falta em merito condigno,
Sobra áquelle de extremos na effusão.*

H. G.

A SEGUNDA EDIÇÃO

Achando-se inteiramente esgotada a primeira edição deste poemeto, resolvemos revel-o e emendar algumas faltas devidas á inadvertencia, bem como as typographicas que logo buscamos corrigir nos exemplares que podemos haver á mão, visto não ter sido possível notal-as em paginas de erratas.

Assim mais correcta, expurgada daquellas e ampliada com um prologo metrificado sobre o descobrimento do paiz, bem como pelo maior desenvolvimento do resumo historico, ácerca da invasão dos francezes no Rio de Janeiro, dos inglezes em São Paulo e um pouco mais sobre a dos hollandezes em Pernambuco, primeiras tentativas de independencia do mesmo paiz nessa capitania e na de Minas Geraes, luctas intestinas no Rio Grande do Sul e a abolição do elemento servil, emprehendemos tirar a segunda edição, esperando que o publico sensato continue a dispensar-nos o lisonjeiro acolhimento com que nos distinguuiu dentro e fóra do nosso caro Brazil, e cujas honrosas referencias, aliás em parte produzidas pela imprensa nos abstermos de exhibir, embora muito nos penhorassem. Possam estas compensar-nos do que a respeito do mesmo poemeto em primeira edição, avançou a pretensa critica.

Comquanto por certo imperfeito, sem o completo resumo do assumpto historico que ora procuramos melhor desenvolver, e não tendo os apurados requintes que embellezam taes composições, todavia o poemeto — O Brazil — sendo o unico em seu genero, sob o ponto de vista geral de nossos successos histori-

cos, desvanecia-nos a idéa de sua apreciação pelos concidadãos distinctos, em cujos peitos palpitassem patrioticos sentimentos; e essa animadora idéa, folgamos de patentear não fôra illudida; excedeu mesmo a nossa expectativa.

Uma evidente prova resalta da carta que o prefacia, como juizo critico do eminente e notavel, conhecido litterato Exmº. Snr. Conde de Affonso Celso, cujos resumidos conceitos a respeito deste nosso modesto trabalho, baseados particularmente na deferencia ao amor da Patria, prevalecemo-nos da oportunidade para ainda uma vez agradecer-lhe com effusão d'alma.

Reconhecendo tão nobilitante sentimento em todas as pessoas que patentearam apreço a este nosso singelo escripto, lhes distinguimos o mais honroso titulo de consideração, a que nada adiantaria a assaz penhorada gratidão da

Cluctora.

Natal, 1911.

A PRIMEIRA EDIÇÃO

(Como introdução)

Venho trazer um grão de areia para o edificio de nossa litteratura, repito agora, ao dar publicidade a este pequeno poema — O Brazil — o que disse a 3 de Maio do anno vigente numa imponente sessão litteraria, em commemoração ao 4º centenario do descobrimento do paiz, quando, após o discurso do orador da sociedade me dirigi á mesa, onde estava o seu presidente com os outros consocios e exhibi a primeira parte do mesmo poema, que recitei e offereci ao chefe do governo do Estado, ahi presente.

A illustrada redacção do periodico «A Republica», publicando em suas columnas a referida parte que simplesmente denominei—O Brazil—em sua primeira phase,—revestiu a nossa singela composição do pomposo titulo de — Poema Épico — a que não correspondia, nem mesmo aliás ora corresponde.

Tomando em traços geraes a historia do paiz, elaborei este nosso pequeno poema em metrificações uniformes, seguidas de algumas differentes, pela maior parte sobre os encantos naturaes do mesmo paiz, coordenadas em tres cantos, relativos ás tres phases das suas evoluções politicas :

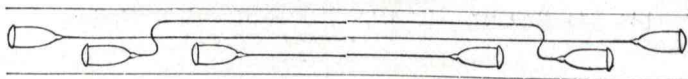
— 1ª. Do seu descobrimento e colonisação á repressão do dominio da metropole portugueza (1500 a 1822).

— 2ª. Da independencia, do imperio e constituição á pacificação com os Estados limitrophes pelas fronteiras do Rio Grande do Sul, quando foram demarcadas (1822 a 1863).

— 3ª. Da perturbação da paz nas fronteiras oriental e occidental á proclamação da republica (1864 a 1889). Ouso apresental-o ao publico que sensatamente poderá julgar o nosso poema, antes pela magnitude do assumpto, do que por havel-o assim desenvolvido a

Cluctora.

Natal, 1900



PROLOGO

© © Descobrimento do Brazil e suas © ©
primeiras explorações

De regios, lusos governos,
Mais na gloria avantajado
Fôra o do grande monarcha,
— Manoel o — afortunado.

Quando excelso ao throno augusto
Seu aureo sceptro mantinha,
Regiões desconhecidas
A divulgar-se adivinha.

Ao nauta Dom Vasco expede
A indagações d'além mar,
E logo trouxe das Indias
As novas que foi buscar.

Exulta o rei *venturoso* !
Exulta a Lysia nação !
Qual a primeira, uma frota
Vae proseguir a missão.

E Pedro Alvares Cabral,
Capitão illustre, ousado
Fôra della o almirante,
Do commando encarregado.

O mais ledo regosijo
O rei, a côrte revela,
E na praia do Restêllo
Toda a armada fez-se á vela.

Um tratado de commercio,
Ter a concordia firmada,
Propagar a fé, as crenças,
Determinou-lhe a embaixada.

D'ouro um collar precioso,
Insignia ao mando investida,
Cingiu-lhe ao busto o monarcha
Na imponente despedida.

E a gloriosa bandeira
A's altas *Quinas* sagrada,
Do regio punho lhe fôra
A defesa confiada.

Cabral partira, incumbido
Da importante, heroica empreza;
Patenteia acaso um mundo,
Inda occulto, na incerteza!

Velejando muito ao Oeste
Da africana costa vinha
A fugir das calmarias;
— De terra avulta uma linha!

E o paiz mais attrahente
A vista logo extasia!
Magestosa em lindo aspecto
A natura lhe sorria!

Tapiz de immensa verdura
Tinha o solo alcatifado;
Um vergel de varias flôres
Sob o arvorêdo copado.

Bordavam prados, devesas
Molles fios de crystal;
Da confluencia pujantes
Volviam ao pégo em caudal.

Era luxuosa a opulencia,
Entre a copia de animaes;
Aves, quadrupedes, peixes,
Crustaceos descommunaes.

Predicados se ostentavam
Soberbos, mais imponentes;
Menos só avantajados
Viam-se humanos viventes.

O céo azul de turquesa,
Pura alternava a saphira;
De argenteos, nítidos flocos
Emmoldurado surgira.

De Abril aos vinte um soes,
Como o Sul reflecte ao seio,
Da era — mil e quinhentos —
Divisar a plaga veio.

Distingue, após seus contornos,
Lh'os quizera investigar,
Antes, porém, junto á praia
Num ilhéu ergueu altar.

E o capellão Frei Henrique
Qu'a celebrar se lhe inspira,
A um *Campal Sacrificio*
Todos de bordo attrahira.

Do venerando madeiro
Do supplicio de Jesus,
A' terra, seu grande achado
Denominou — Vera Cruz.

Da christandade esse emblema
No proprio solo implantara;
— As armas nelle esculpidas
Da Lusitania deixara.

Da floresta, intactos bosques,
Que virentes perto estão,
Foi colhido o lenho, o symb'lo,
Moldado, erguido-padrão.

Pressuroso ali da armada
O eminente capitão,
Logo empossada fizera
A portugueza nação.

Da *Cruz na Invenção* o dia
Surgiu á terra festivo;
— Na Cruz lhe affirma o dominio —
O torna pleno, effectivo.

Inda *Campal Sacrificio*
Celebra o Frei capellão;
Propinquo ao sacro madeiro
Se eleva a pia oblação.

E Pero Vaz de Caminha,
Da grande empreza o chronista,
Em carta expende ao monarcha
Quanto ali deslumbra a vista.

Sem mais deter-se o almirante,
Volve da rota aos cuidados;
Nos aprestos da viagem
Deixa em terra uns degradados.

Informar decide a c'rôa
Da inesperada aventura;
Expede a náu mensageira,
Segue da India em procura.

Recebe-a o rei, côrte e povo,
Muito «alvoroça a chegada»,
Têm o prazer, a alegria
Todos á face estampada.

Não foi, porém, do monarcha
Bem acolhida a mensagem,
Qu'a expressa náu distrahia
Da futura viagem.

No dourado sonho immerso
Do thesouro indico aberto,
Julgal-o não se aventura
Em o mundo descoberto.

E sómente, além de um anno
A ignota plaga mandara
Coelho, Americo — o piloto (*)
Que lh'as grandezas depara.

Após meio lustro a Christovão, (**)
Ainda a Americo, e então
O paiz maravilhoso
Mais prende, evoca a attenção.

Do fertil solo ubertoso
Minas e flóra exuberam!
Dos sublimados conceitos
Melhores notas trouxeram.

O luso rei engolphado
Nas divicias do Oriente,
Descurou as dessa parte
De um moderno continente,

(*) Gonçalo Coelho, Americo Vespucio.

(**) Christovão Jacques.

Que supposto insula enorme,
Céde a illusão á sciencia,
De Colombo antes previsto, (*)
Então chegou-se á evidencia.

Do pilôto e sabias notas
Nessas duas expedições,
Tomou de—America—o nome,
Segundo tantas versões.

A sua porção integrante,
Mais portentosa e gentil
Foi — Vera Cruz — Santa Cruz
— Da rica flóra — Brazil.

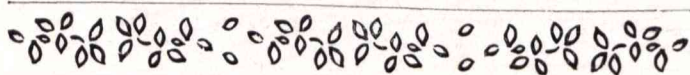
Patria de glorias, de encantos,
Amena, grata, florida;
No peito, n'alma a estremeço!
Oh! minha Patria querida!

A vida haurir-lhe no seio,
Compartir-lhe as emoções,
Meu corpo dar-lhe as entranhas,
— Mais não tenho aspirações.

J. Ganaim.

(*) Christovão Colombo, que descobriu a America.





CANTO I

○ Brazil em sua primeira phase

No sec'lo de heroicas, de grandes empresas,
Volvendo os annaes em dois terços d'Abril,
Dos mares qu'a rota Colombo traçara
Surgiu este immenso gigante Brazil.

Inculto, prostrado jazia em seu berço,
Ao luso almirante sorriu innocente;
Cabral attrahindo-se á face garbosa,
Os braços lhe estende ligeiro, contente.

Aos seus participa essa grata ventura,
Qu'emerge o colosso das trevas á luz;
Retracta-o corôado de selvas, de flôres,
E o chama, nomeia--Vera Plaga da Cruz.—

Erguera este symb'lo das *Quinas* em nome,
A posse lhe toma co'os proprios signaes,
E hosannas ao céo desse achado tão rico
A's auras desprende nos sons festivaes.

O rei *venturoso* sacia a cobiça
Nas glorias, nas perolas, da India no ouro,
Qu'em sonho affagou... na feliz descoberta
Olvida o presente de um grande thesouro.

Se accorda, reflecte, depois mais de um anno,
E ordena explorar-lhe os contornos gentis;
Do que verificam os nautas expressos
Resalta a importancia do ameno paiz.

Prosegue na busca, em pesquisa de notas
Qu'attrahem, que deslumbra . . . seduzem de mais;
Porém, tão absôrto na estrella propicia,
Cuidar do thesouro procura jámais.

O tempo precipite escôa-se, e logo
Ao peso da c'rôa essa regia cabeça
Se inclina e baqueia na lousa dourada,
O brilho daquella sem que se esvaêça.

O filho preclaro recebe e ostenta
Das glorias paternas o vasto esplendor;
Do tibio gigante no immenso colosso,
Divisa uma joia do mais alto valor.

Distingue-lhe as partes; commette educal-as
Aos doze senhores que doar lh'as merecem;
Da rubra grinalda, brazileo producto
O preço, a estima no mundo encarecem.

Mui tardos os lusos ao enlevo despertam
Daquelle sorriso qu'aos labios aflóra;
E sós paladinos por esse attrahidos
Lhe affluem ao commercio da esplendida flóra.

E da arvore, aspecto da braza mais viva,
Que sobre a pintura enrubece o perfil,
O terreo gigante da Cruz Sacrosanta,
Da côr do producto chrismaram—Brazil.

Assim ostentoso da flórída côma
Qu'esparsa trazia patente ao semblante,
As bastas guedêlhas, alli revestidas,
Além as demonstra existirem por diante.

Da mira o estímulo ao tracto impellindo
Do vasto colosso nas plagas infindas,
Fascinam-lhe as vistas errantes, incertas;
Dos membros as fórmás destoucam mais lindas.

Altivo o gigante da intensa procura
Da flóra opulenta a brotar-lhe do seio,
Irrompe das minas — em ouro e em prata, —
Redobra os thesouros num seu devaneio!

Das veias caudaes, crystallinas correntes,
Congelam-se as gotas em rut'lo brilhante;
De multiplas côres se encontra nas serras,
Em preço ao das Indias não fica distante.

Rubis, esmeraldas, topazios, jacinthos,
— O qu'o mineral de mais bello enriquece
Profunda, se alastra por todo este solo,
— Natura aos tres reinos de seiva o enaltece.

Em tudo exuberá, sublima a grandeza!
No prado, nas selvas, volateis e o mais...
A' face gentil estampara a opulencia,
De seus predicaos não tendo rivaes.

.

Emquanto a c'rôa lusa suster não podia
O posthumo filho dos paes sem ventura,
Discreta heroína qu'ao solio remonta
De todo o gigante o dominio assegura.

Das *Gallias Calvinos* refugio buscando
As suas crenças trahidas á fonte da Pia,
Ousados aportam, e logram fundar-se
Ao Sul fluminense na vasta bahia.

O povo aguerrido — os incolas selvagens
Lhes fôra um auxilio, — seu tracto o seduz...
Após, mais além o rendera a doutrina
Dos padres conspícuos, filiaes de Jesus,

Em lucta renhida ao invasor expulsara
O heróe Mem de Sá e preclaro sobrinho,
Que, embora da morte sem haver triumphado,
Da Patria longinqua lhe aponta o caminho.

Do martyr das setas, em honra ao monarcha
Deu nome a cidade que logo fundara;
Assim reivindica dos seus predominio
Na que ao governo um assento prepara.

E a outro sobrinho, não menos illustre
Deixara o arbitrio desse nucleo sujeito;
Reincidem os francos,—volveram á conquista,
Do Crato ao Priôr evocando o direito.

Repelle-os; de novo se affirma dos lusos
Alli a sua posse que logo prospera;
Em duplo governo fendida a colonia,
De um lhe foi séde, após toda a tivera.

Nas terras avaras em dons sublimados
O sceptro partido qu'ao mundo domara,
O nobre gigante ao revés da metrop'le,
Dos proprios esforços sómente se ampara.

Britanno corsario se arroja á cobiça...
A um outro comette-a; este ao saque viera!
No Sul disputada,—piratas ao Norte—
A grande colonia constante nos era.

Entregue ao desprezo de hispanos senhores,
Novel, descuidoso não sóe resistir;
Com sabia reserva acolhera a industria
Do batavo intruso, que o ousa invadir.

Magnifico imporio lhe acena ao commercio,
Emquanto pousado em seu ninho de flôres
Sorri Pernambuco, lhe franquea ^{the} o dominio,
Que logra implantar entre os mil esplendores.

De honrosos conceitos se torna evidente
Lhe haver do progresso traçado um esboço ;
Ao sol tropical reflectindo a esperança,
Attrahe-se ao prestigio, se enerva o colosso.

Do jugo estrangeiro já Lysia cansada,
Os lustros volvendo no quadruplo em tres,
Quebrara os grillhões — desfizera o principio,
Qu'as plagas brazileas conduz o hollandez.

Se esforça a expulsal-o Vieira, Barrêto,
Henrique, Albuquerque, Vidal de Negreiros ;
Lhes foi na conquista, talvez em bravura
Além Camarão com seus tiros certos.

Por vinte e quatro annos aquelle podera
Uns membros domar do colosso paiz ;
— Da lusa metropole ao grande triumpho,
Heroico, sublime levanta a cerviz !

E os seus naturaes, de colonos — mestiços,
Honrando das lettras a sabia harmonia,
Rebrilham na esphera do lucido esp'rito,
Embora divaguem de fóco á porfia.

Qual pomo vedado lhes fôra a sciencia...
Inteira de Lysia absorve a attenção
As minas, a industria, a terrena cultura,
De que só nos deixa mingoado quinhão.

Ao gozo embalada no arfar de riquezas,
Que prodigo vinha o Brazil derramar,
Nem mais saciada daquellas á face,
Nos seios intactos lh'as foi devassar.

Com ellas altiva e assaz prepotente,
Comprime as cadeias ao nobre gigante,
Qu'após duplo sec'lo e dois lustros se agita ;
Depois de outro sec'lo não deixa ir avante !

De Patria os indultos Vieira de Mello
Reclama em Olinda, e logo a elles procede;
Ousado os propõe, forma — *ad instar* Veneza,
Da lucta á prisão a sua morte succede.

Conjura após Minas, os peitos se inflammam
Em prol dos direitos assim postergados;
O arrôjo pagou Tiradentes na forca!...
Uns outros proscriptos, alguns degradados.

— Cruel punição se infligira aos *culpados*,
Que são impassiveis a atrozes castigos!
No ardor patriotico alentam as forças;
A' sua liberdade não medem perigos.

Horrores, ferezas não teme o gigante!
De novo projecta soerguer a cerviz;
Ao Norte, em seguida convém Pernambuco
E tres suas irmãs libertar o paiz.

Ainda baldados tivera os esforços!...
Os odios, rancores, tremenda vingança,
A morte, o patib'lo, os tormentos, supplicios,
Jámais de vencer, lhe trahiú a esperança.

Impavido affronta esta sanha oppressora!
Em ondas de sangue se afoga o martyrio!...
Um sonho fagueiro lhe fôra o triumpho...
Aneio offegante... uma insania... delirio...

Decorrem os tempos, os astros perpassam,
Do brilho emergindo sua fronte gentil;
Arroubos e glorias de altiva potencia
Sorriam, afagavam constante o Brazil.

Accende a fronteira em limites a guerra
Pretensos direitos da Iberia rival,
Sem que demarcal-os houvesse podido
O genio estadista do egregio *Pombal*.

A' patria bandeira indeciso o triumpho...
 A lucta prosegue de um'té outro lado...
 — Fraquêa a metropole... impoem-se renuncias
 De Santo Ildefonso no inglorio tratado.

Accorre, porém, ao belligero impulso
 O Veiga e auxiliares das summas funcções;
 — Rechassam o inimigo — além reconquistam
 A Sacra Colonia e dos Povos Missões.

Aos términos inda resaltam-nos pugnas:
 Propicia das armas a sorte se inclina!...
 Viera corôal-a, gratuita uma offerta
 Da heroica provincia Oriental Cisplatina,

Que volve mais tarde aos perdidos direitos,
 — Governo do povo, por este regente;
 A sua liberdade, fortuna, interesses
 Não quiz mais lhe haver o Brazil dependente.

.
 A paz, a sciencia, a industria, o renome
 No solo da Patria perdurem as eras;
 Da America exalce esta mais linda parte
 O grato esplendor muito além das espheras.

Resvala o collosso um instante seus membros
 Ao leito de flocos candissimo, brando;
 Num extase affaga as ethereas visões,
 Sorrindo adormece, desperta sonhando: —

Do somno grato, fagueiro
 O doce enlevo feliz
 Descerra á luz dos arcanos

AS BELLEZAS DO PAIZ.

Que ridente quadro!	Nas plagas amenas
Sob um céu de anil	Do vasto Brazil?!

Tudo alli é novo,
Attrahente, sublime!
Tudo magestoso,
Grandeza lhe exprime.

.

Viçosa relva
O prado arreia,
Nos seus raminhos
A graça enleia.

Plena verdura
O campo veste,
Matiza-o, adorna
A flôr silvestre.

Lindas, cheirosas,
Varias, singelas,
Do horto deslumbram
Todas mais bellas.

Nas formas suas
E multicôres,
Natura ostenta
Summos favores.

Já não repleta
Em dar-nos tanto,
Além esparze
Seu rico manto.

Volatil breve
Respira o odor;
Suga o alimento
De flôr em flôr.

E grato ao mimo
Da nutrição

Paira, modula
Leda canção.

Oh! raro instincto,
Instincto nobre
O qu'a avesinha
Assim descobre!

Alados outros
Grados, pequenos
Soltam gorgeios,
Modulam threnos.

Bravia fauna
Se exhibe a medo;
Accorda o echo,
Ou tem-no quedo.

Tudo é encanto!
Tudo alegria
Da natureza
Em sua harmonia!

.

Suave desliza
Pela campina,
Da fonte a lympha
Mais crystallina.

As frescas auras
Ondulam nella,
Do claro espelho
A face bella.

Logo o ribeiro
Grato, sereno
Borda, fecunda
Todo o terreno,

Nos tibios raios
O globo ardente,
Aureo reflexo
Lhe faz presente.

Fascina o brilho
Qu'alli accende!
De per'las finas
Um leito estende.

E onde seus raios
Não têm chegado,
Nitente prisma
Reflecte o prado.

Em tudo ha graça,
Belleza tanta,
Que tudo... oh! tudo
Seduz, encanta!...

Trahe o silencio
O murmurio
Da clara fonte,
Manando em fio.

O aqueo tributo,
Tenue, queixosa
Prodigaliza
A mais copiosa.

E se confundem
Em doce abraço
No puro seio,
Molle regaço.

Divaga intensa,
Forte corrente;
Transborda ao valle
Em sua torrente,

Caudal, perenne,
Não tem desvio;
No salso pégo
Se abysma o rio.

Das ferteis margens
Soberba flóra,
Do humido philtro
Mais se avigóra.

Reflecte o campo
Sorriso á flôr!
Da natureza
Quanto esplendor?!

Ostenta galas,
Riqueza immensa...
A vista nellas
Fica suspensa!

Frondentes copas
Pelas florestas,
Tocar as nuvens
Se mostram lestras.

Embaixo os troncos
Robustos, grossos
Seriam do mundo
Vastos destroços.

No emmaranhado,
De trama á guisa,
Penetra a custo
A leve briza.

Beija-lhe apenas
A espessa côma,
E seu perfume
Nos labios toma,

Derrama-o em torno,	Seus attractivos,
Prodigamente;	—Thesouros tantos
Delle satura	jámais diriam
Todo o ambiente.	Sublimes cantos.

E tão saudavel	Eden transposto
O torna assim,	Do ethereo assento!
Qual sendo á vida	Oh grande achado!
Pleno jardim.	Maior portento!

Entr'abre a rosea cortina,
E pode a mente transpôr;
Com o que em torno vira
Contrasta o riso, o vigor.

A liberdade proscripta,
Alli pairava abatida;
— Que não consente: — rugiu!
— Daria por ella a vida.

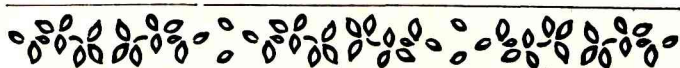
— Do extranho jugo libertar-se então,
Maior lhe fôra a grande aspiração.

Decorrem os tempos, os astros perpassam,
Do enlevo emergindo-lhe a face gentil;
Arroubos e glórias de uma alta potencia
Prezar sempre havemos, sempre ha de o Brazil.

.

Grilhões despedaça, já livre triumpho!
Brilhante confia a carreira traçar;
De luz em um pelago assoma, se immerge,
E fica o progresso constante a sonhar.





CANTO II

○ Brazil em sua segunda phase

DIA SETE DE SETEMBRO

A LIBERDADE

Do bello horizonte de glorias fulgentes
Excelso desponta aureolado, feliz
O dia em qu'o gigante, brazileo collosso
Da altiva metrop'le retrahe a cerviz.

Sorrindo ao brilhante, fagueiro attractivo
Da senda dourada que leva ao porvir,
Repelle as cadeias de aviltada colonia!
Imperio grandissimo viera surgir!

As galas ostenta dos dotes immensos,
E á esplendida fronte realça o vigor;
Esmaltam-lhe a vida, de seiva pujante
As graças, o viço dos annos em flôr.

.....

Nas margens virentes do fluído Ypiranga,
Primeiro desprende-se a magica voz,
Qu'além repercute, e aquem, liberdade,
E vem liberdade trazer até nós.

Oh! dia tão faustoso! aprazível, mais grato
De quantos á gloria nos tem sublimado;
Jámais de Setembro nas plagas brazileas
O historico *sete* ha de ser deslembrado.

Purissimas auras no céu embalaram
A magica aurora do sol desse dia!
Os seus raios projecta dourados, infindos,
E aos nobres destinos os passos nos guia.

Dos lucidos astros de todo o hemispherio
Reflecte-se o brilho, grandeza e fulgor
No fóco de luz, que a imperio exalçado
— De vinte planetas concentra o esplendor.

Os aureos thesouros, perenne riqueza
Alenta no seio fecundo, ubertoso!...
Dos patrios contornos transborda-lhe aos filhos...
Do mundo o commercio não deixa em repouso!

Descantam-lhe os dotes os que a luz viram,
Sob essa alta cup'la do azul mais nitente;
Em face ao Brazil clamará o estrangeiro:
— O terreo paraíso eis de novo patente!!!

Repetem os echos o altisono brado,
No pleno regaço concentra-o a historia;
De enlevos cançado, se um dia encontrar-se,
Repouse nos fastos da fulgida gloria.

E nós, os herdeiros de tanta ventura,
Honremos o patrio, grandioso destino;
Da nobre conquista, triumpho incruento
A grata memoria entoemos um —

H Y M N O.

De Setembro o dia *sete*
A nós festivo raiou;
De liberdade o almo grito
No Brazil desabrochou.

Pelas margens do Ypiranga
Echoou, repercutiu;
Dos nobres filhos ao peito
O seu encanto sorriu.

A vida, o sangue, o repouso
Da Patria sobre o altar,
Bradaram todos, bradaram:
—Já lhe irei sacrificar!

Do Brazil nas lindas plagas
Se atêa o fogo sagrado;
De Sul a Norte incendiado,
Nos lavrou de gloria o prado.

Os soberbos, verdes louros,
Que cingiram nossos paes,
A' grata sombra medraram
O jardim da amena paz.

.

Da civil guerra o açoute
Na florescente *União*
Abalara o monumento
Da sublime fundação.

Das bellas filhas de Hespanha
O sangue jorra em torrente;
Progresso, industria, harmonia,
—Tudo devasta a corrente.

Em meio do triste quadro
Que o Novo Mundo offrece,
A's sabias leis acolhido,
O Brazil na paz floresce.

De vinte estrellas ornado,
Ao patrio sol, na amplidão,
Tremula ufano, garboso
Nosso auri-verde pendão.

Quão felizes respiramos
Essa doce, pura essencia
Das flôres qu'heróes colheram
No vergel da independencia?!

Relembrando o nobre impulso
Desses egregios varões,
Exultam plenos de orgulho
Os brasileiros corações.

Oh! que santo entusiasmo!
De prazer quanta effusão!!!
Viva!... Viva a independencia
Da brasileira Nação!!!!...

Viva a nossa amena plaga!
E o povo seu varonil!
Viva a Patria independente!
Viva!... Viva hoje o Brazil!!!

Partidos, quebrados grilhões oppressores,
As leis ao gigante cumpria outorgar;
A face emergindo do enlevo reclama:
—Que próprias de si as quizessem moldar.

O aureo seculo das luzes,
Indelevel no seu traço,
De cinco lustros em cerca—

A vinte e cinco de Março

—Assignalara-se a brazileia grei
No Pacto seu fundamental de Lei.

As auras adejam, evolum-se breves,
Dos sabios arcanos em lucido accento;
Desprendem, alegres descantes festivos—

O dia anniversario do seu juramento.

Sempre ledó, grato, ameno
Nos volve o dia feliz,
Em que sorrindo venturas
Neste brazileo paiz,
Com arrojado heroismo,
Do tyranno despotismo
Despedaçou o grilhão!
E do seu throno de gloria
Logo inscreveu-se na historia
— Potencia, altiva nação.

Nessas paginas polidas
Ao buril daquella idade
Vê-se a culta e velha Europa
Pretender a liberdade
Quando em seu berço embalado
O Brazil a tem ditado
E conseguido por fim;
Do sol cambiantes fulgores
Desabrocham lindas flôres
No seu viçoso jardim.

Dos bens que ora gozamos
O lisongeiro perfil
Se traçara nesse dia
Por todo o vasto Brazil,
Sobre os firmes pedestaes
Dos fortes peitos leaes
A Patria, 'té no porvir,
Que, projectando-se agora

Aguarda a fulgida aurora
De seu brilhante surgir.

.

No Grão Pará que primeiro
Affagou a nobre idéa,
Na valorosa Bahia
Que tambem nella se estréa
Ergueu-se livre, pausado
O altivo, heroico brado
Que tanto a Lysia temeu,
E mais tarde a Côte, o Rio
Ante a c'rôa, o senhorio
Impôz... Reagiu!... mas cedeu!

Quando, porém, o rei luso
Dos dois povos vendo o trilho,
Deixou a plaga brazilea,
E regente ahí seu filho,
Que lh'os direitos zelando,
Vae comnosco, vae cantando
A' liberdade harmonias;
Além ficar vacillante
Não podia o sol brilhante
Desses tão famosos dias!

E não ficou: — o monarcha
Já do Brazil — Defensor —
Alça a voz do throno augusto,
Augusta desponta a flôr
Da corolla (*) nacional,
Magnanimo e liberal,
Como então se nos mostrou,
A nação representada

(*) Seja-me permitido, segundo o estylo figurado deste genero de composição, assim denominar, em sua abertura a nossa primeira assembléa constituinte, onde devia estar ou estava reunida a escólha, a flôr dos cidadãos do Brazil, considerando conjuncto de pétalas, expressado pelo vocabulo — corolla — conjuncto ou reunião da flôr, da élite daquelles.

Suggere a lettra dourada,
Que depois nos outorgou.

Ha tantos lustros qu'a vimos
Alvorecer entre nós,
Compor as formas de encantos,
De suave harmonia a voz;
E muito além essa imagem,
Addicionada á roupagem
Do seu trajar infantil,
Despreza, não teme os damnos
Do volver lento dos annos,
Sempre garbosa e gentil.

Aos plenos fastos da gloria,
Qual *nuncia estrella* conduz
Por uma senda brilhante
O paiz da Santa Cruz,
A que forte, airosa ampara,
E constante illuminara
No seu grato reflectir;
Por ella não duvidosa
Se mostra a face garbosa
Do mais dourado porvir.

Os fados suspensos se libram nas azas,
E por entre as gazas do magico enleio
Se embala o gigante qu'a febre domina,
E a lucta intestina repelle do seio.

.

Visando o progresso em tranquillo repouso,
Preveu inquietal-o a discordia vizinha;
De armas em riste assignala a victoria!
Excede a alliados que junto mantinha.

De antigas eras o ardor guerreiro,
Qu'em fulgido astro nos ascende a gloria
Sublima, exalça —

O GAUCHO OUSADO

A' LUZ DOS FASTOS DA BRAZILEA HISTORIA.

No aberto campo bellicosos filhos
Do *Grande Rio* que nos demora ao *Sul*
Batalham, vencem, retemperam forças
A' esparsa nevoa em flocos seus de azul.

Tão valoroso como os que mais sejam,
Dos patrios lares em defesa armado,
No grão esforço, nos principios de honra
E' nos conceitos, qual movel *cruzado*.

Em lustros dois ^{ella} empunhando as armas,
— Heroica lucta — fraticida embora!...
Quantos prodigios! denodado arrôjo
Em trazer a ordem quem lhe houvesse fóra?!

Povo aguerrido, *cavalleiro andante*
Nos vastos Pampas do nativo sólo,
Osorio, Marques, Menna, Camara e outros,
Como a alta fama suspendera ao collo?!

Terão os louros e tropheos sagrados,
Aonde houver culto a nosso patrio amor;
O peso, o impulso do potente braço
— Qu'o digam factos; echôem seu valor.

Em placido assento n'um vago decennio,
De raias impelle baliza ao Oriente...
Mais gratos, felizes projectam-se os fados!
— Eis que sobrevem —

O BRITANNEO INCIDENTE.

A paz estremece! permutam-se notas!
Do preito a arbitragem nos fôra á feição...

Exulta o Brazil! — fraternizam potencias!
— Me evoca o prazer —

Parabens á Nação.

Da lyra pouco sonora
Desprendo rude canção,
As cordas todas agora
Vibrando ao meu coração!
Palpita, irrompe a harmonia,
Da Patria em festa, acatada,
E fôra alli modulada
Numa effusão de alegria,

Vendo o brilho restaurado
A nossa excelsa bandeira,
O ameno sólo presado
Na *Angla* questão *Brazileira*
Nação altiva se erguer,
Qual nos extremos de filha,
Minh'alma inteira partilha
Tão excessivo prazer.

Sua immensa, grande copia
Me expandira o patrio amor!
Mas o que dar minha inopia?!
— Um mal tecido louvor,
— Em seu altar a oblação,
Que depõe-me a fraca voz,
De vozes tantas após
— Num parabem á nação.

Parabens brasileiro povo!
Parabens nação briosa,
Que nesse lance que louvo
Não duvidou alterosa
Sua dignidade manter,
E mostrar qu'o brasileiro,

De nobre estirpe, guerreiro
Não pode a guerra temer!

—Si do fraco o extremo susto
Em grão valor transformara
Do rei o braço robusto,
A que só o esforço ampara;
— Como podia o Brazil,
Tendo em brio sublimado
Do governo o chefe ousado
Tornar-se agora servil?!

Oh! não: — contra o *prepotente*
Do grande mundo actual
Sabe ostentar nobremente
O esplendor nacional!
— Com preclaro assomo diz,
Ante o seu *representante*:
— Que nunca! nunca o gigante
Lhe curvaria a cerviz!!!

Logo ficara patente
A britannica illusão!
Do modo altivo, insolente
A melhor satisfação
Veio a arbitragem compôr,
E assim ao velho mundo
Mostramos quanto profundo
Nos é da Patria o amor.

Após a America inteira
Comnosco já fraterniza,
Apenas nossa bandeira
Agitada além divisa;
Perante as altas nações
Da culta Europa illustrada,
Mais fizera respeitada
A altivez dos seus braços.

E posto que no presente
A temer-se pouco houvesse,
Louvarei eternamente
O apoio que nos offerece
O peito, a mão fraternal,
Que lhana, amiga e sincera
Estender-se nos viera
Com impulso cordial.

E quando o horrído passado,
Qual o foi do oitavo Henrique,
De Isabel e de Ricardo
Algun temor nos indique
De fementida traição;
Esse temor se desterra,
Porque de hoje a Inglaterra
Não é a mesma de então.

Só na força do direito
O direito ora consiste!
Daquella o duro preceito
Já ao sec'lo não subsiste!
—Vence, actúa a civ'lização!...
A força não pode, ousada
Brandir a intrepida espada
De sabia e culta razão.

Do canhão anglo potente,
Si a ambicionada victoria
Tornasse clara, evidente
Essa vã e falsa gloria,
Que assim viesse attrahir;
Tão pretensa phantasia
Condemnada lhe seria,
Quando reflexa ao porvir.

Pelo incidente aggressivo
Até nos cumpre exultar!

Da paz o doce attractivo
 Não póde a guerra quebrar
 Com seu medonho furor!
 Já estamos prevenidos...
 Penetre nossos ouvidos
 Em patrio auxilio—

UM @LAMOR.

Erguei-vos irmãos
 Em honra ao paiz!
 A corôa de gloria
 Brilhante cingis!

O seu estandarte
 Cercai de esplendores,
 E não temeremos
 Da guerra os horrores.

Os puros extremos
 Do amor filial
 Jamais denegueis
 A' terra natal...

Constante zelosa
 De nossa ventura,
 A Patria o auxilio
 Dos filhos procura.

Ouvi esse brado!
 Oh! não seja em vão,
 Que ora reclame
 A vossa attenção.

De amor uma offrenda
 Buscai dar-lhe agora...
 Exigua, minguada.
 Vos seja ella embora.

Qualquer donativo
 De um seu nobre filho
 Virá na emergencia
 Trazer-lhe mais brilho.

Apenas envoltos
 No marcio atavio,
 Teremos da guerra
 Completo desvio.

Segundo expressara
 Um sabio conceito:
 —A' lucta dispostos
 A temos desfeito.

Aos bellicos fastos
 A Patria exalcemos!
 A sombra propicia
 Da paz gozaremos.

De ouro embalando
 Assim nossa idade,
 Risonha affagar-nos
 Viria a liberdade.

De luz nessa auréola
 Banhado o paiz,
 Um povo seriamos
 Ditoso, feliz,

Avante ó irmãos!
 Avante os favores!
 O lar, patrio ninho
 Tecei-nos de flôres.

Altivo nos gestos,
 No garbo gentil,
 Cadeias não podem
 Rojar ao Brazil.

O vasto collosso,
 Colosso gigante,
 Inglorio não viva!
 Não viva um instante!

Ouvi-lhe dos brios
 A forte expressão;
 A seu nobre appêllo
 Oh! surdos não!... não!

Realça o aspecto da grandeza propria...
 De tantas prendas o gigante em gozo,
 No amor dos filhos divisara a gloria,
 E, nessa gloria todo o seu repouso.

De novo cerra a penetrante vista,
 Docel de estrellas lhe formara o céu,
 Dos gratos sonhos o fagueiro encanto
 Envolve tudo em transparente véo.

Do leve bando nos amenos flancos,
 Trajando galas apparece o dia;
 Manhãs e tardes, apraziveis noutes
 Em seus descantes da natura ouvia.

Do leito em que repousam ainda as suas irmãs,
 Já das roseas cortinas surgem —

AS MANHÃS.

Os doces effluvios da fresca alvorada
 Affagam as côres qu'o encanto namora;
 Os plumeos cantores das flóridas selvas,
 Sorrindo despertam aos beijos da aurora.

Em face contemplam a meiga ventura,
 Que suaves enlevos não sóem perturbar;
 Em notas singelas de grata harmonia
 Os hymnos mais ternos lhe vêm entoar.

As trevas se occultam, incertas, fugindo
Ao leve contacto da nivea manhã;
Risonha a natura, de mimos toucada,
Mais linda, mais bella se ostenta louçã.

Já não duvidosos, tão breves momentos
Educam fagueiros um novo condão;
E o traço ao declínio das trevas sombrias
Na extatica mente vae ser—illusão.

Reflexos dourados do globo incendiado
Nas tepidas chammas qu'o dia avigora,
Dardejam á tona dos lagos, das selvas,
E encantos infindos esmaltam a aurora.

Nos vastos, diurnos, ethereos dominios,
Poisando de luz a sua face orgulhosa,
Desprende dos labios o meigo sorriso,
E as galas nas côres ostenta as da rosa.

O fastigio da belleza
Mais sublima seu poder
No quadro qu'a natureza
Risonha lhe vem tecer,
O fastigio da belleza
Mais sublima o seu poder.

De neve a côma anilada,
Repellindo docemente,
De rosea, linda grinalda
Cinge a fronte aurifulgente;
De neve a côma anilada,
Repellindo docemente.

Grato explendor lhe irradia
Do ouro que se entornou,
Quando em si o claro dia
O seu diadema ennastrou;

Grato explendor lhe irradia
Do ouro que se entornou.

De rica esmeralda nas humidas folhas,
Ao sopro galerno da briza embaladas,
Tremulam de orvalho as gottas nitentes,
Quaes per'las brilhantes de leve engastadas.

Nos aureos reflexos fascina-lhe as côres,
Aos primos assomos o astro gentil;
Dourados fulgores, instantes furtivos,
Projecta ao inclinar-se-lhe o verde perfil.

O liquido prisma, da fonte ao remanso
Em raios fulgentes a aurora retracta;
Lh'a copia dilatam subtis reverberos,
Qu'esmaltam de ouro essa nitida prata.

Nas margens virentes a sombra se agita
Dos leves arbustos alli debruçados;
Mimosas florinhas agrestes, incultas
Assomam vergeis, ajardinam os prados.

Balsamicos ares de aromas selectos
Matizam, diversas das aves as côres;
Resaltam, adejam, e o breve apettite,
A furto saciam em os beijos as flôres.

O encanto, a belleza do albor matutino,
Dourando a natura ao seu despertar,
A voz fascinante do proprio concerto
Um canto sómente podia entoar.

No emtanto ás saudades
O volvem —

AS TARDES.

Sob este puro céu azul, suave,
De argenteas per'las scintillantes, bellas,

Altivo, recamado aos beijos férvidos
Do luzente astro do fulgor diurno,
Amenas tardes brincam namoradas
Dos frescos ventos sobre os altos leques
Verdejantes, queixosos embalados
Nessas palmeiras que se vão as nuvens
Nas leves azas de faceiro aspecto!
— Horas fagueiras, de harmonias santas,
De seu candido assento revocando
Grato sentir, melancolias ternas;
Doces perfumes, da saudade os hymnos
Do casto seio esparzem amorosas
Sobre a vivissima, terrestre côma.

— Sorrindo brandas ao frescor perenne,
Qu'acaricia-lhes nos constantes ósculos
As ineffaveis suas attrahentes formas,
Mimosas, lindas como ethereos seres,
Ledos, garbosos a assomarem candidos,
As bellas tardes em lhaneza envolvem
Os fortes élos da cadeia aurifera
Que une o dia as graças esplendentes,
E nos accordam delectaveis sonhos,
Indefinidas as saudades fundas!
Oh! frescas tardes apraziveis, meigas,
Que sós entendem a linguagem d'alma!

.

No roseo leito da azulada concha,
Meio reclinada, mollemente doce,
De flocos nitidos por entre o diaphano,
Como a tardinha prazenteira acolhe
O ameno sopro que propicio a embala
No desbrochar de flôres odoriferas,
Ou trescalar de seiva agreste, pura,
Inebriado o ambiente saturando?!...
E as tão divinas, cordiaes essencias

Retribue suave nas macias ^{azas} azas,
 Qu'em torno adejam. No grandioso alcance
 Domina encantos, attractivos magicos.

Zelosa a noute dos enlevos gratos,
 Que sorve a briza no regaço amigo
 Da amena tarde envolta em seu crepusculo,
 De rosicler, de argento recamado,
 Desce sobre esta; — já sombria, ousada
 Rouba-lhe os beijos á mimosa face
 Risonha e bella, sem igual... sublime!
 Rosas purpureas colorindo, vastas
 O espaço immenso da cerulea abobada
 Então despontam, e a singela fronte
 Toda engrinaldam, pudibunda e virgem,
 Dourada fronte do arrebol esplendida,
 Altiva o seu encanto revestindo!
 —O drama augusto áquellas horas mysticas,
 Inescrutaveis no tranquillo accento,
 Ornado ostenta-se nos diurnos páramos
 Dos santos hymnos qu'a natura entôa-lhe,
 Serena e doce, como voz angelica
 Em seus mais ternos, maviosos cantos!

Instantes volvem, — caprichosa e fria,
 Cerrada a noute no funereo manto,
 Desvia, arranca — impiedosa, tetrica
 A tarde amena do galerno arroubo!
 E entre suas tochas, vacillantes inda
 Sepulta aquella tão airosa misera
 Na meia esphera deste immenso globo,
 A leve briza — carinhosa filha
 Triste, abraçada, suspirando affectos!

Do orvalho gelido em sentido pranto,
 Pobre orphanzinha desafoga extremos,
 Perdida, errante no luctuoso plaino
 Desse vasto horizonte mal distincto,

Qu'envolto em trevas, do ciclo escuta-lhe
Chorosas menias. — Os mortuarios cirios
Scintillam frouxos no sidereo horto,
Que sombrêa o tum'lo da saudosa tarde...
Na transição esplendorosa, bella!
— Tarde fagueira! maravilha augusta!
Si raro houvesse de surgir nas eras!

Após a terna despedida sua
Vem prazenteira despontar—

⇒ A LUA. ⇐

Por entre a folhagem de copas virentes
A lua transparece de flocos ao véo;
A face mimosa em argenteo relevo,
Retrahe ao horizonte, surgindo no céo.

E doce resvala serena, garbosa
Na senda esmaltada das per'las mais finas;
Agora sublima-se, occulta-se logo,
Do azul rendilhado atravéz das cortinas.

Oh! enlevo dos astros! que ora se ostenta
Assim tão airoso na esphera celeste,
Prateado reflexo de raios fulgentes,
Os mimos, as graças em torno reveste.

Não cesses meu astro! — caminha, passeia;
Derrama o esplendor dessa face argentina
No grato vergel, em os fructos dourados,
Nas brancas areias da extensa campina.

Depois o sorriso, teus beijos, carinhos
Imprime ao semblante que banhas de luz,
Deixando-o num extase então contemplar-te,
Além os teus passos tranquillo conduz.

Proseguem as noutes serenas e claras,
 Até que transmuda-se o pleno luar;
 E o manto sombrio de outra phase diversa,
 Sómente mais tarde consegue rasgar.

De novo actua,
 Surgindo —

⇒ A LUA. ⇐

O lucido astro da noute
 Já surgiu da escuridão;
 As negras trevas dissipa
 O seu argenteo clarão.

No suave azul celeste
 Se desliza docemente,
 Accordando em seu reflexo
 O vasto prisma dormente.

Por entre as sombras da noute,
 Envolta num tenue véo
 Dormia a esphera terrena,
 Enlaçada ao puro céu.

Na amplidão do firmamento,
 De estrellas seu rico manto,
 Todo lhe offusca, deslumbra
 A face meiga, de encanto.

Naquelle grande ambiente,
 De recamo assim tão lindo,
 Pomposos, magos enlevos,
 Oh! quantos vae reflectindo?!

Da concha nitida, immensa
 A branca lua já em meio,
 De luz os focos contempla
 No ceruleo, amplo seio.

Um prateado, leve curso
Descreve, placida além;
Atravez da nuvem brilha,
Mais gentil surgindo vem.

Se novo encontro depara
Na sua airosa carreira,
A' lua jamais foge aquella;
— Surdir a deixa ligeira.

Dos niveos cachos de flocos
Moldura a plena fachada;
Além os *sirios* desmaiam,
Emquanto em luz sobrenada.

Porém esse nitido astro,
De luz tão serena e pura,
Dos seus encantos zeloso,
Jámais com elles perdura.

A distribuir as suas graças,
Não podemos sempre vel-as;
— Volta aos páramos sidereos,
Sosinhas deixa as estrellas.

A argentea phase recolhe
Do horizonte no regaço,
Repousa ali nos arcanos,
A'quellas fica o espaço.

Lá da celeste morada
Descanta—

A Noute Estrellada.

E' bello em noute serena
Esse doce scintillar,
Que do céu azul, sereno
A tela sóe recamar.

E' bello o seu frouxo brilho
No ameno, grato luzir,
Que aos olhos mais attentos
Raio algum não vem ferir.

E' bello ao ver de relance
O grande numero... infindo
Dos varios fócios de luzes,
Que vão além reflectindo.

E' bello com tantas per'las
O estrellado, rico manto;
E de tanta luz é bella
A luz que diverge tanto.

E' bello o argenteo planêta
De serena luz prateada;
E' bella, mais bella ainda
Do planêta a luz dourada.

E' bello com tantos sóes
O longinquo firmamento,
E nelles orbes occultos
Perscrutar o pensamento.

E' bello todo esse aspecto
Ao breve paio da vista;
E' bello num astro attenta
D'outros o assomo, a conquista.

E' bello esse ethereo espaço
Com seu custoso atavio,
Naquellas horas tranquillias,
Do sol no calmo desvio.

E' bello, é grato, é sublime
Tão magnifico esplendor!
E da mente nos arroubos,
E' bello ainda o transpôr!

De algum assento superno
Volver —

© A Noute de Inverno. ©

O tempo corre ao destino;
Após um dia, outro dia,
Pela amplidão se desdobra
Chuvosa noute sombria.

Tenebroso, espesso manto
Dos céos enluta o semblante;
Apenas turvo, empannado
Assoma num breve instante.

Nuvem, quiçá invejosa
Mais e mais o occulta ainda;
De entre as sombras de novo
Lhe resurge a face linda.

Outra nuvem caprichosa,
Todo o viera encobrir;
Do céu a cup'la escurece,
Não mais pode reagir!

Abatida, envergonhada,
Volta a face á escuridão;
Ligeiro brilha o relampago,
Ribomba além o trovão!!!

Desprende a bruma torrentes;
Vêm cachoeiras após!
O trovão estoura... brame!
Fuzila o raio veloz!!!

Infrene já predomina
Da natura a commoção!
Se confundem céos e terra
Na medonha cerração!

.

Doce, fagueira esperança
A um outro dia nos conduz;
Sempre da noute renasce
Diurna, esplendida luz.

Descerra as vistas ao horizonte immenso,
Rasga dos sonhos, flaccida a cortina;
Volve o gigante á varonil pujança,
No ser, na vida propria se reclina.





CANTO III

○ Brazil em sua terceira phase

Em leves flocos da existencia grata
Sua plena idade d'ouro á flôr corria,
Miragem linda, deslumbrante .. breve
De par em par as portas já lhe abria.

Meigo sorrindo-lhe, a visão etherea
Attinge mais e mais os seus caminhos;
E quando perto alli á entrada assoma
Oppõe-lhe a inveja, as paixões visinhos.

Vingar affrontas que semelham graves,
Foi lesto accôrdo seu, após tomado;
Qual o heroismo, a rendição das praças,
Qu'ô diga a historia com ingente brado.

O alto conceito lhe enaltece a gloria,
E ao albor á pugna succedera a paz!...
Suas hostes cantam da victoria os carmes...
—Eis que surge um outro inimigo audaz!

De nobre estimulo o decoro assume,
E ás armas corre—do guerreiro ardor
Tepidas ainda—em repouso apenas,
Dellas provando o marcial valor.

Todo o paiz repercutira o brado!
De Sul a Norte impulsionado vae!
«O' Brasileiros em defesa á patria
— A guerra! —

A Guerra contra o Paraguay!»

No imo o gigante acolhera esse alarme,
Comsigo os membros foram solidarios;
Ante a bandeira que desfralda aos ventos
Vêm se alistar —

Da Patria os Voluntarios.

Legiões de bravos se avolumam, crescem,
De todo o Imperio a despovoar terrenos;
Grandes provincias exuberam em tropas!
— A minha, embora exigua não deu menos.

Honrando a origem em brazileo sólo,
No brio e denôdo oh! ninguem o vence!
— Um passo em frente na vanguarda ensaia!
— Marcha á defesa —

⇒ O Norte Rio Grandense. ⇐

Da Patria os brados pungidos,
Das affrontas o clamor
Veio, irmãos estremecidos
Vos despertar seu amor,
E como ser impassivel
Do filho o peito sensivel
Ao seu tão dolorido ai
De uma afflicção mui cruenta
Pela guerra que lhe intenta
O tyranno em Paraguay?!

Entre a bizarra cohorte
Dos compatriotas invictos,
Que destemidos da morte
Convosco marcham convictos
Dos trophéos aureos da gloria,
Que na augurada victoria
Do valor pender-lhes-hão,
Vós partis, só abalados
Por deixardes contristados
D'alma os que penhores são.

Ternos paes em seus extremos,
De um dever ao caro filho,
Em accento accorde vemos
Apontar-lhe o honroso trilho;
Muito além repercutidos,
Da Patria mãe os gemidos
Vêm assim mais vos pungir...
Dos seus brios na defesa
Assumis a heroica empreza
De lh'os ultrajes punir.

No forte peito infiltrais
Da honra o timbre, o preceito;
Ao marcio campo levais
De bravura o grão conceito,
Embora a magua sentida
Na pungente despedida
A alma venha torturar!...
E de saudade o legado
Quem lh'o tiver partilhado
Ha de affligir, enlutar.

Tendo os prantos suffocados,
Que verter fôra defeso,
De paes, irmãos consternados
Nos labios fica surpreso

O final, extremo adeos!...
E nem já ouvindo os seus,
Que iam além soluçar,
Affrontais em fraco abrigo
Esse imminente perigo
Do pégo undoso do mar!

.

Desta nossa cara terra
Já deixais os molles ninhos
Pelos embates da guerra,
Em qu'ireis pobres, mesquinhos,
Entre sangrentos horrores
Sorver tantos amargores!!!
E talvez... talvez... mas não!
Qu'o presagio triste abate
'Té no renhido combate
O mais altivo pendão!

Ide irmãos ao campo imigo,
Bravos sempre, sempre ousados!
Qual egregio heróe antigo
Vos fazei assignalados;
Mas o brazileo conceito
De um magnanimo peito,
A par de immenso valor,
Por vós jámais trahido seja,
Da encarniçada peleja,
Mesmo no horrivel calor.

A veneranda memoria
Dos altos feitos guerreiros,
Pela vossa e patria gloria
Hei de exaltar, sobranceiros
Do escuro olvido aos damnos,
Emquanto aos mais longos annos
O meu ser possa velar!...
Nos tornando aos horizontes,

Que vejamos vossas fronte
O verde louro corôar.

Em sua defesa treguas um instante,
Oh! não permite o colossal gigante!

As garras afia, os seus brios aguça
Para essa jornada d'além Occidente;
Lopez altanado comprime ao respeito.
Que viva tyranno já não lh'o consente

O bellico esforço na lucta assignala!
De heróes uma escola fizera alli a arte,
Que estes sublimam no garbo e denôdo,
E assim de festões engrinaldam a Marte.

Do jugo oppressor libertado o vizinho,
Recolhe os trophéos que derivam da gloria;
Os fructos pendentes do ramo de oliva
Deixou-lhe o gigante colher na victoria.

As armas plumosas do heroico triumpho,
Qual Cezar, o Augusto sem treguas voltara
Ao lado Oriente — pendões enlaçados;
A sombra da Paz breve a todos depara.

Aos lares volvendo garboso, imponente
Da nobre conquista da auréola de então,
Um ponto distingue trevoso, enlutado
No fulgido seio da patria nação.

Abjecto elemento servil, miserando,
A que descuidoso cedeu á cobiça;
No alcance idolente do placido assomo
O amanhã, as industrias lhe occorrem a liça.

Divaga em remir do erro seu proprio áquelle,
Apenas consegue estancar-se-lhe a fonte;
Da causa em proveito suas fórmãs educa,
Sem que solução mais propicia lhe aponte.

A raça proscripta se extorce, agoniza,
De envolta a opulencia humilissima e pobre;
E' nullo o esforço, improficuos os meios,
Qu'em pról o gigante na lucta descobre.

Sorver de amarguras aos tragos as fezes
A viu em angustia que fôra-lhe atroz;
Os cavos gemidos ao peito intumecem,
Mas sem dolorida echoar-se-lhe a voz.

O tempo evolúe, acrysolam-se idéas;
A humanos direitos o arbitrio propende!
Domina o receio... actuou liberdade...
— A mão redemptôra do throno se estende!

Reflexo collido aos preclaros instinctos,
A's raías do povo, á paterna tenção,
Da patria ignominia ao espurio forçado
A regia Princeza quebrara o grillhão.

E o misero escravo do trêdo destino,
Sem luz, sem vontade, sem lar, nem familia!
Rojado no mundo, orphão nelle de tudo,
Sómente a desgraça lhe havendo em partilha:

De seus postergados... extinctos direitos
Ao *Treze de Maio* viu a aurora raiar!
Inerte a razão... Imbecil! mas quizera...
Não soube, nem mesmo podia exultar.

Arrosta dos — contras — o embate a regente,
Sobre amplos assentos que tinha a transpôr;
Da lei no regaço acolhera o inditoso,
Dos gozos civis ao aspirado calor.

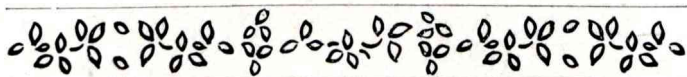
Descrendo da posse, havia tempos sonhada,
De si, do apanagio que ao homem sublima,
Cogita, divaga, se abysma ao confronto
Do que foi, do qu'ora sorria-lhe a estima.

Aos outros condigno — irmanados os membros,
Após o gigante os vãos seus traça além;
Um novo regimen lhe acena fagueiro,
E então mais o antigo já não lhe convém.

Na mór prepotencia das forças invictas,
Do imperio a auriflamma se arroja depôr;
A guerra assomar se affigura nas praças;
Victoria na paz c'rôa-o de louros em flôr!

Do magno successo ufanoso o gigante,
Um mar de venturas divisa entr'abrir;
De leite, de rosas, em plena bonança,
Suas ondas o embalem até no porvir.

⇒◎ FIM ◎⇐



NOTAS

CANTO II

I

VERSO 1.º e 2.º

*No sec'lo de heroicas, de grandes empresas,
Volvendo os annaes em dois terços d'Abril.*

A armada portugueza que, pelo rei D. Manoel 1.º fôra mandada continuar as descobertas de Vasco da Gama na India, e que para evitar as calmarias da costa d'Africa se fizera muito ao largo, impellida pelas correntes oceanicas, cuja existencia era ignorada, casualmente se lhe divulgaram a 21 d'Abril de 1500 (1.º de Maio, segundo a correção do Calendario pelo Pontifice Gregorio 13.º, denominada — Gregoriana —) signaes de approximação de terra, a qual foi descoberta na tarde do seguinte dia 22 d'Abril (2 de Maio), quando de bordo distinguiram um grande monte alto e redondo, a que o capitão-mór denominou — Monte Paschoal — por ser quarta feira do oitavario da paschoa; depois outras serras mais baixas e terra chã com grandes arvores.

Ancoraram a alguma distancia, e no outro dia 23 d'Abril (3 de Maio) fizeram-se á véla, e foram direitos á terra, indo os navios pequenos adiante.

Cerca de 10 horas chegaram á embocadura de um rio, de onde avistaram alguns homens de côr avermelhada, que andavam nús pela praia. De novo lançaram ancoras na confrontação dessa embocadura; logo todos

os capitães das outras naus vieram á do capitão-mór entender-se com elle, que mandou Nicoláu Coêlho observar o referido rio.

No dia immediato foram ao longo da costa em busca de abrigada, conseguindo os navios pequenos encontrar logo um bom e seguro porto, a que o capitão-mór denominou — Porto Seguro — onde se abrigaram. A' tarde o mesmo capitão-mór no seu batel, assim como os capitães das outras naus nos seus, foram pela bahia, á vista da praia, e saltaram n'um grande ilhéu dentro da referida bahia, no qual se demoraram a passear e a se distrahir.

No domingo subsequente, que era da paschoéla, tendo resolvido o capitão-mór ouvir missa naquelle ilhéu, mandou fazer os necessarios preparativos; com toda decencia erigiu-se ali um altar, e o capellão Frei Henrique celebrou missa campal, cantando com os outros sacerdotes, que entoaram o offerecimento. Em seguida fez expressiva predica sobre a historia do Êvangelho, depois tratou da vinda da frota e descoberta do paiz, o que se conformava com o signal da cruz, sob cujos auspicios se tinham aventurado á viagem. Durante essas cerimoniaes, a que todos de bordo vieram assistir, esteve elevada do lado do Êvangelho a bandeira que tinha sido entregue por D. Manoel 1.º ao capitão-mór, quando partiu de Lisbôa (Portugal) com a expedição.

Alguns naturaes do paiz, disseminados na praia, observavam d'ahi o que se passava e tocavam buzinas.

II

VERSO 7.º

Cabral attrahindo-se á face garbosa.

Pedro Alvares Cabral, almirante portuguez por quem foi descoberto o Brazil.

III

VERSO 12.º

E o chama, nomeia — Vera Plaga da Cruz.

Vera Cruz foi o nome dado por Cabral á terra descoberta, considerada a principio uma ilha.

IV

VERSOS 13.º, 14.º, 15.º e 16.º

*Erguera este symb'lo das QUINAS em nome,
A posse lhe toma co'os proprios signaes,
E hosannas ao céo pelo achado tão rico
A's auras desprende nos sons festivaes.*

Tendo Cabral desembarcado na terra descoberta, no lugar que havia denominado—Porto Seguro—(Bahia) mandou fabricar de um grande madeiro do paiz uma cruz, na qual foram esculpidas as armas da corôa portugueza, e sendo a referida cruz implantada, junto armou-se altar, onde foi celebrada ainda pelo capellão Frei Henrique missa campal, a que assistiram, além das pessoas de bordo muitos indigenas, alguns dos quaes procuravam imitar os signaes de reverencia e devoção dos christãos.

V

VERSO 17.º

O rei VENTUROSO sacia a cobiça.

O rei de Portugal D. Manoel 1.º do nome, denominado o — venturoso, o afortunado.

VI

VERSO 22.º

E manda explorar-lhe os contornos gentis.

Primeira expedição exploradora do Brazil, da qual foi por D. Manoel encarregado Gonçalo Coêlho.

VII

VERSO 25.º

Prosegue na busca, em pesquisa de notas.

Segunda expedição para explorar a terra descoberta, de que foi por D. Manoel 1.º encarregado Christovão Jacques.

VIII

VERSO 33.º

O filho preclaro recebe e ostenta.

D. João 3.º, filho e successor do rei D. Manoel, e que mandou colonizar o Brazil, repartindo-o em doze capitanias, por elle doadas a vassallos benemeritos.

IX

VERSO 38.º

Aos doze senhores, que doar lh'as merecem.

Os doze donatarios das capitanias.

X

VERSO 39.º

Da rubra grinalda, brazileo producto.

Madeira vermelha (páu Brazil) excellente para a tinturaria, e que, apenas conhecida na Europa, teve grande apreço.

XI

VERSO 48.º

Da côr do producto chrismares — Brazil.

O nome de Vera Cruz dado por Cabral á terra descoberta, foi mudado para o de Santa Cruz, e finalmente para o de Brazil, em razão da madeira vermelha, côr de brasa, que abundava no paiz, a qual denominou-se páu-Brazil.

XII

VERSO 73.º

O posthumo filho dos paes sem ventura.

O rei D. Sebastião, cujo nascimento, depois da morte desastrada do pae, victima de uma quêda, veio igualmente a ser, depois que falleceu a mãe, na qual, acabando de expirar foi praticada a operação cesariana.

XIII

VERSO 74.º

Discreta heroína qu'ao solio remonta.

D. Catharina, rainha viuva que assumiu o governo de Portugal, durante a menoridade do neto D. Sebastião.

XIV

VERSO 76.º

Das Gallias Calvinos, refugio buscando.

Nicoláu Durand Villegagnon, vice-almirante da Bretanha que, juntamente a outros correligionarios fundou dentro da bahia do Rio de Janeiro um forte, ao qual denominou — Coligny — em honra ao almirante desse nome, de quem ganhára a confiança, e que era sectario de Calvino, a cuja seita aquelle pretendeu ahi preparar um asylo. Depois esse forte teve o nome de seu fundador Villegagnon, que ainda conserva.

XV

VERSO 83.º

Dos padres conspícuos, filiaes de Jesus.

Os padres da Companhia de Jesus (Jesuítas) que prestaram relevantes serviços na catechese dos indígenas, no que aliás muito se distinguiram os virtuosos

e illustrados jesuitas Manoel da Nobrega e José de Anchiêta no principio da colonização ao Sul do paiz.

XVI

VERSO 85.º

O heróe Mem de Sá.

Mem de Sá, 3.º governador geral do Brazil, que atacou e derrotou os francezes estabelecidos no Rio de Janeiro, os quaes, protegidos pelos indigenas se acolheram ao continente, de onde na ausencia daquelle voltaram a occupar seu anterior estabelecimento.

XVII

VERSO 85.º

..... e preclaro sobrinho.

Estacio de Sá que, estando incumbido pelo governo portuguez de expulsar os francezes do Rio de Janeiro, conseguiu lançar os fundamentos á cidade.

Na heroica defesa dos direitos daquelle, sendo ferido de uma flexada no rosto veio a fallecer dois dias depois. Deixou, porém, juntamente com o tio Mem de Sá, que da Bahia lhe viera em auxilio, firmada a posse do governo portuguez pela completa expulsão dos francezes (1567).

XVIII

VERSO 88.º

Do martyr das setlas em honra ao monarcha.

D. Sebastião rei de Portugal. Depois de quasi dois annos em que esteve Estacio de Sá em luctas constantes com os francezes e os indigenas para reivindicar ao dominio portuguez a nascente colonia, veio Mem de Sá em soccorro daquelle sobrinho, chegando ao Rio de Janeiro a 19 de Janeiro de 1567, e tendo aproveitado a coincidencia de ser o dia seguinte

consagrado pela igreja catholica ao martyr São Sebastião padroeiro da cidade, atacou os inimigos, sobre os quaes conseguiu a victoria final nesse mesmo dia 20 de Janeiro.

XIX

VERSO 92.º

E a outro sobrinho, não menos illustre.

Salvador Correia de Sá, outro sobrinho de Mem de Sá a quem este encarregara então do governo do Rio de Janeiro.

XX

VERSO 95.º

Do Crato ao Prior affectando o direito.

D. Antonio Prior do Crato, pretendente ao throno de Portugal, e que o disputou a Felippe 2.º de Hespanha, tendo feito proselitos.

XXI

VERSO 100.º

Nas terras avaras em dons sublimados.

A Africa, onde numa guerra imprudente o rei D. Sebastião veio a sacrificar com a propria vida o esplendor da heroica nação portugueza, que foi incorporada a Hespanha.

XXII

VERSO 104.º

Britanno corsario se arroja á cobiça.

Thomaz Cavendish, corsario inglez, que mandou saquear a villa de Santos (S. Paulo) pelo seu almirante Coch.

XXIII

VERSO 105.º

A um outro commette-a, este ao saque viera.

James Lancastre que sahiu de Inglaterra munido de carta de corso, e reunindo-se a João Venner tambem corsario veio fundear sua esquadra defronte de Olinda em 1595; no outro dia apoderou-se do Recife, que então contava poucas casas e retirou-se, finalmente carregado de despojos.

XXIV

VERSO 112.º

Magnifico imporio lhe acena ao commercio.

Pernambuco, onde os holandezes firmaram o seu dominio.

XXV

VERSO 116.º

Qu'as plagas brasileiras conduz o hollandez.

Passando o Brazil com a metropole ao dominio da Hespanha, potencia que se achava em litigio com a Hollanda, o governo desta nação mandou invadir o Brazil, conseguindo sujeitar parte do Norte do paiz.

XXVI

VERSOS 117.º, 118.º, 119.º e 120.º

*Se esforce a expulsal-os Vieira, Barrêto,
Henrique, Albuquerque, Vidal de Negreiros ;
Lhes foi na conquista, talvez em bravura
Além Camarão com os tiros certos.*

— João Fernandes Vieira opulento insulano, domiciliario em Pernambuco, onde muito se distinguio na expulsão dos holandezes, tendo sido aclamado governador dos independentes ou insurgidos, confiança

a que dignamente correspondeu; em consequencia desses relevantes serviços fôra cumulado de honras e mercês pelo governo da metropole portugueza, no reinado de D. João 4.^o

—Francisco Barrêto de Menezes general dos independentes.

—Henrique Dias (preto) chefe militar dos de sua côr, e que pela bravura, bem como decidido apoio á insurreição tornou-se vulto proeminente nessa lucta. Fôra depois nomeado mestre de campo do regimento de homens de côr, que teve e conservou o seu nome.

—Mathias d'Albuquerque esforçado campeão na expulsão dos hollandezes, e que, segundo escriptos dos mesmos encontrados nos archivos da Hollanda desalojou-os do Rio Grande do Norte, de onde levou, juntamente aos guerrilheiros da tribo, o indigena Camarão (Poty), de quem fez commandante de um dos terços de suas hostes.

—André Vidal de Negreiros mestre de campo e principal iniciador da insurreição contra o dominio hollandez no paiz. Bateu-se heroicamente nessa guerra, e pelo seu esforço, assim como prudencia fôra escolhido para tratar da capitulação offerecida por Sigismundo chefe dos hollandezes, a qual pozera termo a esse dominio, tão arraigado em grande parte do Norte do Brazil.

—Antonio Felipe Camarão indigena denominado Poty, natural do Rio Grande do Norte, tendo visto a luz nas proximidades da aldeia, depois villa de Extremoz, onde habitava sua familia e existiram membros desta por muito tempo ainda depois. Já bastante iniciado na civilização pelos padres encarregados da catechese dos portuguezes, Camarão, acompanhado dos guerrilheiros da tribo fôra com Mathias d'Albuquerque para a ex-capitania de Pernambuco empenhar-se na insurreição contra os hollandezes, obrando com os

seus companheiros e heroica mulher D. Clara Camarão prodígios de valor, principalmente nas guerrilhas de emboscada. Victima de uma febre no arraial do Bom Jesus em Pernambuco, sua memoria passou á posteridade sendo aureólada de gloria. Teve o titulo de Dom para si e seus descendentes, assim como outras honras, de que foi cumulado pelo monarcha portuguez D. João 4.º.

XXVII

VERSOS 134.º, 135.º e 136.º

..... riquezas
Nem mais saciada daquellas á face,
Nas puras entranhas lh'as foi devassar.

Primeiras explorações de minas auríferas no paiz.

XXVIII

VERSOS 139.º e 140.º

Qu'após duplo sec'lo e dois lustros se agita;
Depois de outro sec'lo não deixa ir avante!

Tentativa de liberdade no Brazil em 1710, na cidade d'Olinda em Pernambuco onde, por occasião da guerra denominada dos Mascates, foi proposto e iniciado um governo republicano, o primeiro de toda a America, e cujos adeptos da patriotica idéa affrontaram o despotismo e tyrannia do governador da capitania Sebastião de Castro Caldas, bem como os horrores da punição, tendo o principal chefe desse arrojado commettimento Bernardo Vieira de Mello fallecido no carcere do Limoeiro em Portugal, onde tambem estivera prisioneiro em consequencia do apoio á mesma causa um seu filho. Do mesmo character fôra a guerra denominada dos Emboabas em Minas, que precedeu áquella, sem com tudo haver tomado proporções.

XXIX

VERSOS 145.º, 146.º e 147.º

*Conjura após Minas, os peitos se inflammam
Em prol dos direitos assim postergados;
O arrôjo pagou Tiradentes na forca!...*

Conjuração de 1789 em Minas, de que fôra martyr o alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, que soffreu pena ultima, sendo enforcado no Rio de Janeiro, e alguns outros tambem compromettidos nessa conjuração degradados para diversos presidios das possessões do governo portuguez na Africa.

XXX

VERSOS 155.º e 156.º

*Ao Norte em seguida, convém Pernambuco
E tres suas irmãs libertar o paiz.*

Sedição de 1817 em Pernambuco para a independência do Brazil e apoio aos principios democraticos, cujo governo chegou a estabelecer; assim como as capitánias da Parahyba e do Rio Grande do Norte que lhe foram solidarias na audaciosa empreza. Houve tambem no Ceará pronunciamento em prol da mesma causa, não tendo, porém, attingido aquelle desenvolvimento.

XXXI

VERSOS 161.º e 162.º

*Impavido affronta-lhe a sanha oppressôra,
Em ondas de sangue afoga o martyrio!*

As numerosas victimas da revolução de 1817, pela maior parte affrontaram com heroica resignação os soffrimentos de barbaros castigos e morte infame.

manente, sem renegar de seus princípios. Jámais esse generoso sangue cruelmente derramado, ou o temor da rigorosa punição arrefeceu no animo dos condignos brasileiros a justa aspiração de liberdade.

XXXII

Verso 172.º

O genio estadista do egregio Pombal.

O marquez de Pombal Sebastião José de Carvalho, ministro dos negocios estrangeiros em Portugal no reinado de D. José 1.º

XXXIII

Verso 176.º

De Santo Ildefonso no inglorio tratado.

Pelo tratado de Santo Ildefonso, celebrado pela rainha D. Maria 1.ª com o rei de Hespanha perdeu o Brazil a colonia do Sacramento, as Missões do Uruguay e outras possessões ao Sul do paiz.

XXXIV

Verso 178.º

O Veiga e auxiliares das summas funcções.

Sebastião Xavier da Veiga Cabral governador da capitania do Rio Grande do Sul, o coronel Manoel Marques de Souza, os cabecilhas Manoel dos Santos Pedroso, José Borges de Castro e outros.

XXXV

Verso 180.º

A sacra colonia, e dos povos Missões.

A colonia do Sacramento e os Sete Povos das Missões.

XXXVI

VERSO 184.º

Da heroica provincia Oriental Cisplatina.

O Estado Oriental do Uruguay que se incorporou ao Brazil, sob o nome de provincia Cisplatina, isto é, da parte de cá do rio denominado da Prata.

CANTO III

I

VERSO 13.º

Nas margens virentes do fluido Ypiranga.

Pequeno rio nas proximidades da capital de São Paulo, em cujas margens se achava o principe D. Pedro d'Alcantara, que veio a ser imperador 1.º desse nome no paiz, quando soltou o grito de — Independencia ou morte,—e que teve echo em todo o Brazil.

II

VERSO 66.º

Na florescente União.

Estados Unidos da America do Norte.

III

VERSO 69.º

Das bellas filhas de Hespanha.

Republicas da America, que foram colonias da Hespanha.

IV

VERSO 196.º

Addicionada á roupagem.

Acto adicional a constituição de 25 de Março de 1824.

V

VERSO 216.º

Preveu inquietal-o a discordia vizinha.

Receiando o governo brasileiro do triumpho das forças do dictador de Buenos-Ayres Manoel Rosas, commandadas pelo general Oribe que, havia nove annos sitiava a praça de Montevidéo, resolveu declarar-lhe guerra, na qual teve por alliado o general Urquiza governador de Entre Rios, que se tinha manifestado contra o mesmo dictador.

VI

VERSOS 217.º e 218.º

*De armas em risle assignala a victoria !
Excede a alliados que junto mantinha.*

A batalha decisiva de Monte Caseros, em que se empenharam as forças alliadas, sob o commando de Urquiza, ganha particularmente pelo denôdo da divisão brasileira commandada pelo brigadeiro Manoel Marques de Souza, depois barão de Porto Alegre, e da qual veio a resultar a queda de Rosas, a que se seguiu a paz.

VII

VERSO 232.º

Em lustros dois empunhando as armas.

Em 1835 rompeu no Rio Grande do Sul a guerra civil que foi a principal das rebelliões agitadas no paiz, durante a menoridade do imperador D. Pedro II. Prolongou-se por dez annos, tendo os guerrilheiros, denominados rebeldes hesitado em depôr as armas, mesmo depois da amnistia que foi concedida pelo monarcha, a qual finalmente acceitaram.

VIII

VERSO 238.º

Osorio, Marques, Menna, Camara e outros.

Manoel Luiz Osorio, marquez de Herval, Manoel Marques de Souza, barão de Porto Alegre, o general Menna Barrêto e José Antonio Correia da Camara, visconde de Pelotas, que se constituíram vultos proeminentes na campanha contra o Paraguay.

IX

VERSO 245.º

De raias impelle baliza ao Oriente.

Demarcação para fixar os limites do Brazil com o Estado Oriental do Uruguay, a qual foi uma das principaes vantagens da guerra que tivemos com esse Estado.

X

VERSO 247.º

... O Britanneo incidente.

A questão anglo-brazileira, motivada pela reclamação do governo inglez á indemnização do valor dos extravios em um navio naufragado na costa do Rio Grande do Sul e satisfação pela prisão de tres officiaes de sua marinha que, vestidos á paisana haviam insultado um posto de guarda no Rio de Janeiro (Tijuca), e não sendo attendido, navios inglezes de guerra chegaram a capturar algumas embarcações brazileiras mercantes, questão que, sujeita á arbitragem do rei da Belgica, nos foi a decisão favoravel.

XI

VERSO 420.º

Oh ! surdos não ! ... não !

O Brazil, depois da guerra em Montevidéo se achava desprevenido para uma lucta, como se affigu-

rava essa com a Inglaterra, cujos insultos, era reconhecida a necessidade de repellar; então surgiram de todo o paiz donativos pecuniarios para a aquisição, de meios de defesa, e até os funcionarios publicos quasi em geral deram espontaneamente cinco a dez por cento dos seus vencimentos para esse fim.

CANTO III

I

VERSO 8.º

Oppõe-lhe a inveja, as paixões vizinhos.

Insultos dos Estados limitrophes.

II

VERSO 9.º

Vingar affrontas que semelham graves.

Estremecimento da paz com o Estado Oriental do Uruguay.

III

VERSO 11.º

Qual o heroismo, a rendição das praças.

A rendição do Paysandú, a capitulação de Montevideo e a entrega da praça de Uruguayana, a que se seguiu a paz com o Estado Oriental do Uruguay.

IV

VERSO 16.º

Eis que surge um outro inimigo audaz.

O governo do Paraguay.

V

VERSO 28.º

... Da Patria os Voluntarios.

Os corpos de Voluntarios da Patria, creados pelo decreto de 7 de Janeiro de 1865.

VI

VERSO 32.º

A minha exigua embora, não deu menos.

O Rio Grande do Norte forneceu á guerra do Paraguay, entre Guardas Nacionaes, Voluntarios da Patria, tropa de linha, voluntarios e recrutas para a armáda, contingente, relativamente superior aos que forneceram as outras provincias mais populosas e ricas, segundo um relatorio do governo provincial de então á respectiva assembléa, elevando-se ao numero de 1463 homens.

VII

VERSO 35.º

Um passo em frente na vanguarda ensaia. !

Tendo o presidente da provincia Dr. Olyntho Meira, em proclamação para o alistamento de Voluntarios, perante grande concurso de pessoas, exigido que dessem um passo em frente aquelles homens que se quizessem alistar, alguns dos que ahi estavam, logo o fizeram.

VIII

VERSO 120.º

Para essa jornada d'além Occidente.

Ao Paraguay.

IX

VERSO 133.º

Ao lado Oriente—pendões enlaçados.

A alliança do Brazil com as republicas Oriental e Argentina.

X

VERSO 144.º

Apenas consegue estancar-se-lhe a fonte.

A lei de 28 de Setembro (do vinte livre) e outras que se lhe seguiram, tendentes á extincção do elemento servil no paiz.

XI

VERSO 158.º

— A mão redemptora do throno se estende !

Informada a princesa regente D. Isabel Christina, condessa d'Eu, de haver excitamento do povo nas ruas do Rio de Janeiro, como expressiva manifestação da opinião publica no paiz por hesitar o ministro barão de Cotegype em extinguir sem mais demora o elemento servil, resolveu immediatamente sua completa abolição, cuja lei denominada aurea, assignou no dia seguinte, 13 de Maio de 1888, pelo que se chamou a essa princeza — Redemptora.

XII

VERSO 168.º

Ao Treze de Maio viu a aurora raiar !

Por uma lei dessa data (13 de Maio) foram declarados livres todos os escravos existentes no Brazil.

XIII

VERSO 184.º

Do imperio a auriflamma se arrojava depôr.

A 15 de Novembro de 1889 foi abolido no paizo governo monarchico e banido para a Europa o imperador D. Pedro, 2.º do nome com toda a familia imperial, sendo immediatamente inaugurado, sem nenhum obstaculo o governo republicano pela iniciativa do marechal Manoel Deodoro da Fonseca, que fôra proclamado chefe desse governo.